



BOLÍVAR E A INDEPENDÊNCIA DO PERU

Por: Augusto Burattini¹ e Lucas Paes Rett²

O processo de independência do Peru figura entre os mais conturbados da América espanhola. Principal vice-reino durante todo o período colonial, o país andino concentrava diversos interesses políticos e econômicos da coroa. Essa excepcionalidade é reconhecida também por Bolívar durante seu exílio na Jamaica: “O Peru encerra dois elementos inimigos de todo regime justo e liberal: ouro e escravos. O primeiro o corrompe todo; o segundo está corrompido por si mesmo.” (p.320)

A discussão historiográfica acerca desse processo de libertação tem-se concentrado em debater as diversas forças dentro da independência peruana e o grau de participação delas. Assim, por exemplo, no recente artigo publicado na revista de História da Universidade de São Paulo, em que o tema é exposto da seguinte maneira: O papel desempenhado pelos exércitos de San Martín e Bolívar na emancipação peruana já motivou intensos debates historiográficos. Bonilla e José Matos Mar, na apresentação da obra *La independencia en el Perú* publicada em 1972, questionando as bases em que havia, até então, sido interpretada a emancipação peruana pela historiografia “tradicional” de viés nacionalista, afirmaram: “*No caso do Peru, além disso, esta Independência foi concedida e não conquistada. Ou seja, trazida desde fora pelos exércitos de San Martín e de Bolívar*”. Scarlett O’Phelan, por sua vez, propôs uma mudança de foco. Opondo-se à ideia de que a independência peruana fora concedida “*desde fora*” em seu artigo intitulado “El mito de la independencia concedida” –, argumentou que não devemos generalizar a inatividade de Lima a todo o vice-reino. A autora sublinha que a região sul-andina, que incluía também o Alto Peru, foi um grande foco de mobilização anticolonial, onde os *criollos* tiveram protagonismo, atuando ao lado de lideranças indígenas, surgindo ali uma *Junta de Gobierno* antes mesmo da rebelde Buenos Aires. Contudo, O’Phelan reconhece que a definitiva emancipação do vice-reino foi decidida numa etapa posterior, de escala continental.

¹ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: gutoburattini@uol.com.br. ORCID: 0000-0003-1788-3519.

² Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: lucaspaesrett3@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2883-2557.

Portanto, como usual em todos os campos de debate historiográfico, na independência peruana, há disputa sobre o tamanho do protagonismo do Peru no próprio processo emancipatório, mas dois fatos que parecem inegáveis são: a colaboração ativa de três proeminentes figuras da independência americana, San Martín, Bolívar e Sucre e a importância continental do mesmo para a libertação da América.

Conforme artigo de Rafael Dias Scarelli (2021), a independência do Peru pode ser dividida, em linhas gerais, em dois momentos: (i) o processo liderado por San Martín, em setembro de 1820, que culminou, após algumas reuniões com o novo vice-rei, José de la Serna, no abandono de Lima pelas tropas realistas e na mudança da capital para Cusco, antiga capital inca incrustada na cordilheira andina; e (ii) a intervenção de Bolívar e as batalhas travadas contra as forças realistas remanescentes.

Para Marcos Cueto e Carlos Contreras (2013, p. 54), essa decisão de abandonar Lima, aparentemente contraditória, justificava-se pela compreensão de que era na região andina onde se concentravam a maior parte da população do vice-reino e as importantes minas de prata. Desse modo, o teatro de operações militares seria transferido para a *sierra* peruana, estendendo-se pelos três anos subsequentes.
(p.72)

Com o caminho livre, as forças de San Martín puderam facilmente entrar em Lima, em cuja praça principal o general rio-platense proclamou a independência do Peru, em 28 de julho de 1821. Contudo, a atuação de San Martín, convertido em *Protector del Perú*, ao longo do ano seguinte até abandonar o país em setembro de 1822, abriu espaço para questionamentos que, àquela altura, debilitaram os consensos ao redor de sua figura.

Os questionamentos à figura de San Martín giram em três eixos principais. Segundo Dias Scarelli (2021), o primeiro seria a defesa da monarquia, contrariando os interesses republicanos, o segundo seria a postura de seu assistente, o tucumano Bernardo Monteagudo, que promoveu exílios e desapropriações contra os espanhóis peninsulares em Lima, e, por fim, a incapacidade dos exércitos sanmartinianos de derrotar por completo as forças realistas no país.

Finalmente, em face de sua decisão de abandonar o Peru, entregando seu cargo ao Congresso Constituinte recém-eleito, o que mergulharia o país no caos até a chegada de Bolívar, abrindo espaço para a contraofensiva realista, que chegaria a reocupar Lima. (p.72)

A participação de Simón Bolívar e posteriormente de Sucre na emancipação peruana são amplamente descritas na biografia escrita pela jornalista Marie Arana

(2015), utilizando-se sobretudo de cartas trocadas pelo general com os seus mais diversos destinatários. Arana (2015) apresenta um Bolívar extremamente consciente e preocupado com a questão do Peru, dada a importância real e simbólica que o território tinha para as pretensões emancipatórias e o projeto político ideal do general com seu sistema de confederações. No dizer de Francisco Doratioto (1995): “(...) O maior idealizador e defensor de um projeto político unificador para a América hispânica foi Simón Bolívar” (pg.33).

A participação direta do general no país andino ocorre após o fim do *Protectorado de San Martín*, o Congresso Constituinte aceitou todas as condições de Bolívar para socorrer o Peru, outorgando-lhe poderes ditatoriais para lutar contra os realistas.

Diversos confrontos são travados contra os realistas nos anos subsequentes, com vitórias importantes para Bolívar e suas tropas, mas os dois principais conflitos ocorreram nas batalhas de Junín e Ayacucho, com descreve Arana (2015):

A Batalha de Junín foi cruenta e rápida, travada inteiramente com espadas e lanças. Não se disparou nenhum tiro, não se despendeu nenhuma bala de canhão. O terrível silêncio era pontuado somente pelo barulho do aço contra aço, de madeira contra madeira, do eventual toque de clarim, do patear dos cavalos, dos grunhidos dos homens, dos lamentos dos feridos.

(p.336)



A “brilhante escaramuça de Junín”, como o próprio Bolívar referiu-se à batalha posteriormente, teve um forte efeito psicológico dos dois lados, a vitória dos libertadores fez os peruanos questionarem a já comprovada farsa da invencibilidade de seus generais, além disso, a injeção de ânimo dada aos emancipadores embora não possa ser mensurada quantitativamente, inquestionavelmente motivou ainda mais as ambições emancipatórias.

A batalha que sela a vitória dos libertadores contra as tropas realistas é travada em Ayacucho sob o comando do jovem Sucre que, logo após a bem-sucedida campanha militar, escreve para Bolívar: “A campanha do Peru está terminada” e “sua independência e a paz da América foram assinadas neste campo de batalha”. Nos conta Arana (2015): “(...) Com Ayacucho, a Espanha seria alijada das terras da América para sempre. Era como Yorktown, como Waterloo. Com um único e restante triunfo, toda a América do Sul seria livre”.

A continuação a bem sucedida campanha de libertação peruana não se desenvolveu da maneira que o general pretendia, Dias Scarelli(2021) mostra que:

Para além das disputas territoriais, instalou-se no Peru uma resistência às ideias bolivarianas consideradas autoritárias, plasmadas na chamada *Constitución Vitalicia*, que o general havia esboçado para o novo Estado boliviano e que chegou a entrar em vigor no Peru em dezembro de 1826. (p.73)

Mesmo com um espaço constante de disputa na historiografia e na memória peruana, a participação de Bolívar na independência do país e suas concepções políticas continuaram a existir no imaginário intelectual e popular do Peru e do continente, figura central dos movimentos de libertação do início do século XIX, o general Simón Bolívar deixou um legado indiscutível que se confunde até hoje com a história da América hispânica.

Referências Bibliográficas

Arana, Maria; Bolivar: o libertador da América - Três Estrelas- São Paulo - 2015 Dias
Scarelli, Rafael; O Peru entre dois generais: San Martín e Bolívar no imaginário nacional peruano até o Primeiro Centenário (1821-1921) - Revista USP - São Paulo -n. 130 - 2021.